

## “Refresco” do Flávio Andrade

A propósito deste “Refresco” do Flávio Andrade, quase me apeteceu pedir-lhe para mudar o título para “*Um retrato de nós*”. Só que o título está muito bem.

Vou tentar explicar esta minha ideia, neste breve prefácio.

Olhei muitas vezes e li com profundíssima atenção, as imagens recolhidas pelo Flávio, de 2012 a esta parte para este projeto.

Das centenas, senão mesmo milhares de imagens captadas, a minha memória fervilhou com esta edição que o autor nos apresenta.

Se por um lado, estas imagens tão refrescantes contribuíram para me reavivar muitas memórias íntimas e pessoais, por outro lado, fizeram-me também lembrar outros projetos, de outros fotógrafos, de outras paragens de lá e de paragens de cá.

Das paragens de cá, sobressaltou-se-me de imediato a memória e em português, com o nome de Benoliel, fotógrafo do Século e da transição do XIX para o XX, em século, claro, assim como o nome de Relvas o *Amateur*, ainda em pleno século XIX.

E porquê?

Porque me fizeram ver nelas a *ironia*, o *contacto pessoa a pessoa com a aproximação possível*, assim como, a respetiva *intemporalidade e modernidade*.

Das outras paragens de lá, apenas vou nomear, Weegee, pela *ironia*, Eugene Richards, pelo *contacto pessoa a pessoa com a aproximação possível* e Joel Meyerowitz, pela *intemporalidade e contemporaneidade*. Claro que se nomeasse todos os outros fotógrafos que estas imagens me convocam, a lista não teria fim.

O Flávio diz no portal <http://www.flavioandrade.com/refresco.html>, que estas imagens quase por mágica, nos remetem a tempos passados.

Quando ele recorda o pai a fotografá-lo na praia com a *Rollei*, eu relembro também, tempos de praias da linha, ou de outras um pouco mais longe, Guincho, Maçãs, Adraga, entre outras e, acima de tudo o pequeno caixote da *Kodak*, que o meu pai tão entusiasticamente utilizava, já lá vão mais de sessenta anos, *para mais tarde recordarmos...* dizia ele e acima de tudo, vem ao de cima uma memória difusa, de um cavaquinho que penso nunca ter aprendido a tocar, mas que me acompanhava, nestes veraneios familiares. Não sei o porquê.

Além de concordar com esta convocatória de memórias, também me apetece dizer que estas imagens me encaminham para tempos de futuro, ou tempos sem um tempo definido e por isso vou justificar as razões das lembranças de projetos de outros fotógrafos, convocando para

este meu texto prefaciador, termos como o *contacto pessoa a pessoa com a aproximação possível, a intemporalidade, a modernidade, a contemporaneidade e a ironia.*

Sem me justificar muito, mas repetindo-me, nesta afirmação, assunto relativo ao qual peço as minhas desculpas de sempre, pois como é sabido, não tem havido textos meus sobre fotografia, em que não coloque regularmente estas questões, para meu conforto, claro, afirmando que – *...quando leio e analiso fotografias, faço para que as minhas abordagens sejam diretas, não tendo por prática procurar envolver as leituras feitas, com discursos ilegíveis, distantes...* - tento encontrar nos trabalhos em análise, a atitude, o(s) olhar(es), as interrogações, assim como as pontes que o autor constrói, para permitir que os seus resultados me transmitam afetos, o que me agrada de sobremaneira, assim como o que me possa ajudar a perceber as suas referências, objetivas ou subjetivas, que me facilitem a contextualização e um melhor entendimento da obra produzida.

Com mais estas justificações, coloco a mim mesmo uma série de perguntas prévias, a propósito deste Refresco tão intimista, quanto refrescante.

Será um retrato de nós, enquanto amantes de sol, de mar e/ou de luz, ou será um retrato do oposto de tudo isto, sem mar e quase sem luz, por isso na penumbra, por vezes?

Será um retrato de nós, mas vistos ao contrário, como se fossemos vistos de fora para dentro?

Será um retrato de nós, sem tempo definido, parecendo do passado, mas talvez a projetar-nos num futuro do qual nada sabemos, mas que podemos imaginar?

Será um retrato de nós, no que fomos, do que somos, ou do que poderemos vir a ser?

Ou não, não é nada disto e é apenas um retrato do próprio fotógrafo, projetado para trás e também para a frente?

Pois, sem vos dar a minha resposta, para todas as questões que me coloquei, porque não a tenho, afirmo que a sequência e edição final deste projeto, surge tão naturalmente, num critério e numa estratégia visual tão subtil, que a *ironia* de um olhar muito respeitador, em relação aos de nós que foram olhados, a perpassa.

A capacidade de *contacto pessoa a pessoa com a aproximação possível*, sem intrusão abusiva no espaço alheio, permitindo-nos a nós, agora que vemos as imagens, sentir que poderíamos estar naquele mesmo lugar, como fotografados ou até como fotógrafos, também por lá anda, qual Friedmann ou melhor, qual Capa, incisivo na necessidade de aproximação, como algo de determinante e significativo, para que a fotografia conquistada, represente afeto e respeito pelo “outro”, o que está do lado de lá da câmara.

A *intemporalidade* destas imagens, também são um dos seus cunhos mais marcantes, pois elas não têm tempo, nem lugar, mesmo que lhes consigamos identificar algum sítio ou algum momento. São do passado, assim como podem ser do presente, ou quem sabe, de um futuro que estará para chegar.

Para terminar e não me alongar mais, sinto-lhes a *modernidade*, assim como a *contemporaneidade*.

Afinal, todas estas razões, foram as que me fizeram evocar as memórias de tempos idos, assim como as memórias de um tempo moderno e, claro, as de agora, de um tempo contemporâneo.

O fotógrafo autor movimentou-se muito bem em todas estas águas.

O fotógrafo autor movimenta-se muito bem em todas estas águas

Com a amizade e o respeito que nos liga, há muitos anos, só lhe posso agradecer o que nos dá a ver.

Esta tensão e sobriedade, conjugadas com o prazer, que colocou na construção e na escolha final das imagens que agora partilha connosco.

Sem nenhuma presunção, desafio-vos a tentarem ver se há algum ponto de contato entre as dúvidas que coloquei e as memórias que convoquei, que só a mim me comprometem, com as vossas certezas, pois penso que à medida que forem vendo, irão deliciar-se e muito, com este refrescante REFRESCO, do Flávio Andrade, que é afinal, "*Um retrato de nós*", na minha modesta opinião!

Lisboa, 8 de março de 2017

JOSÉ SOUDO - Fotógrafo e docente de Fotografia e História da Fotografia